

OS GÊNEROS TEXTUAIS PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DA COLEÇÃO VIVER, APRENDER: O QUE DIZEM OS AUTORES?

Sulanita Bandeira da Cruz Santos

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA) - sulaband@hotmail.com

Resumo

O livro didático tem sido reconhecido, por muitos estudiosos, como um recurso imprescindível do qual dispõem tanto o professor como o aluno. Em alguns contextos, é muitas vezes, o único recurso o qual o professor recorre para ministrar suas aulas. Algumas pesquisas destacam, inclusive, que o livro didático tem despontado como sendo o mais utilizado no exercício das práticas de leitura, perdendo apenas para a Bíblia. Dentro desse contexto, a pesquisa aqui empreendida tomou como objeto de estudo os livros didáticos de Português de a Coleção *Viver, Aprender* destinados a EJA – Educação de Jovens e Adultos – do segundo segmento. E nesta direção, propôs como objetivo verificar quais práticas de leitura eram proporcionadas pela referida coleção. Entendíamos, assim como nos revelaram os estudiosos da história da leitura, que a toda obra subjaz um leitor imaginário e, conseqüentemente um protocolo de leitura. Nesta perspectiva, adotamos como procedimento um levantamento das esferas de produção/circulação de todos os textos que a coleção contemplava e, posteriormente, verificamos sobre quais desses textos incidiam as atividades de leitura. Além disso, também realizamos entrevistas com os autores, na perspectiva de sabermos o que os havia motivado quanto à seleção textos presentes na referida coleção. O resultado nos permitiu perceber que, embora a coleção contemplasse os textos de diversas esferas de produção/circulação, a ênfase recaía sobre os textos de cunho literário, incidindo também sobre eles a maior parte das atividades de leitura/compreensão textual, o que pareceu justificar a proliferação de textos didáticos também presentes na coleção e marcados por uma abordagem caracterizada pela explicitação de conteúdos relacionados aos aspectos gramaticais e/ou de natureza composicional do gênero. Em face disso, entendemos que a coleção analisada enseja um modelo de leitura que nos remete aos primórdios da escolarização da leitura, à forma como foram se configurando os livros didáticos de português ao longo do tempo, e às práticas de leitura em que os textos literários eram tomados como referência para o seu ensino, por serem considerados os “modelos” a serem imitados. Concomitantemente, o depoimento dos autores revelou também que a empatia pelos textos literários e a experiência na docência com a educação de jovens e adultos em que textos dessa esfera eram utilizados corroborou para o destaque que eles tiveram na referida coleção, assim como a forma em que aparecerem configurados na proposição das atividades de leitura/compreensão textual.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático de Língua Portuguesa, práticas de leitura, Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Pesquisas realizadas por diversos estudiosos, a exemplo de Bittencourt (2008), Batista e Galvão (2009a, 2009b), entre outros, têm demonstrado a relevância do livro didático (doravante LD) no cenário da educação brasileira ao longo do tempo. Nesse sentido, Batista, Rojo e Zúñiga (2005, p.47) salientam que o LD é “um dos poucos materiais didáticos presentes cotidianamente na sala de aula, constituindo o conjunto de possibilidades a partir do qual a escola seleciona seus saberes, organiza-os, aborda-os”. E no que concerne ao exercício das práticas de leitura, são, ainda, os livros didáticos que ocupam o segundo lugar dentre os mais lidos pelos brasileiros, logo depois da Bíblia, segundo levantamento realizado pelo Instituto Pró-Livro¹. Por esse viés, vale ressaltar, ainda, as referências realizadas por Lajolo (1999) quanto às pesquisas desenvolvidas pelo Projeto de Memória de Leitura (PML), no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, que sinalizam também para o papel desempenhado pelo LD no cenário da história das práticas de leitura no Brasil.

Considerando essa realidade, nos reportamos ao livro didático de Português (doravante LDP) de a Coleção *Viver, Aprender* destinada a Educação de Jovens e Adultos como objeto de investigação, levando em conta também que esse segmento de ensino só passou a contar com um programa (PNLD EJA – Programa Nacional do Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos) voltado para a sua análise e, conseqüentemente, a sua distribuição para as escolas públicas brasileiras a partir de 2011. Assim sendo, tínhamos como objetivo investigar quais práticas de leitura a referida coleção proporcionava. Para tanto, nos embasamos teoricamente nos estudiosos da história da leitura, tendo em vista, o percurso que realizaam para (re)constituição das práticas de leitura.

Diante do exposto, trataremos inicialmente algumas reflexões no que diz respeito à história da leitura e ao LD, situando-o dentro do contexto da história das práticas de leitura. Em seguida, apontaremos o percurso investigativo que seguimos e, por fim, esboçaremos a análise dos LDP da coleção aqui já nomeada.

O que nos revela a história da leitura?

¹ Informação disponível <<http://www.ebc.com.br/educacao/2013/02/livro-didatico-ocupa-segundo-lugar-dentre-os-mais-lidos-no-brasil>>

Ao tentarem (re) construir a história das práticas de leitura, os estudiosos sinalizaram para a escassez de fontes diretas e objetivas sobre as quais pudessem se deter, o que implicou a necessidade de considerar uma gama de vestígios diversos e uma rede de interpretação pautadas em indícios indiretos. Neste contexto, Chartier (2001) se refere, por exemplo, aos quadros de alguns pintores franceses do século XVIII, no qual é possível observar situações de leitura peculiares à época. De acordo com o referido autor, vamos poder encontrar nesses quadros cenas expressas tanto de uma leitura em voz alta, que reunia família para uma audição partilhada, com também cenas de leitura, na qual se destacavam as figuras femininas descritas de uma forma bem minuciosa, revelando os mínimos detalhes que compunham a cena da leitura, como, por exemplo, o mobiliário. Aliás, os mobiliários eram descritos de forma a revelar ora uma cena de leitura em que mostrava, ora a intimidade da leitora com o objeto impresso, ora uma prática de leitura mais relaxada.

No entanto, diante disso, o referido autor salienta que o retorno ao impresso se constitui também como uma via pela qual podemos fazer um recorte da história da leitura., por considerar que “trazem em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e os limites de sua possível recepção (CHARTIER, 2001, p.96.)”. Por esse viés, entendemos como vestígios todos os implícitos deixados autor/editor, para depreender do leitor a leitura desejada, o que implica recorrer aos elementos textuais, às marcas linguísticas deixadas pelo autor, tendo em vista que os recursos por ele utilizados supõem, nessa perspectiva, a realização de uma leitura direcionada aquilo que ele, o autor, de fato, quer expressar. Conforme Chartier (2001, p.96), “instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor o seu sentido.” Dessa forma, entendemos que este é um dos modos pelos quais podemos também estudar as possíveis práticas da leitura.

Assim sendo, quando nos reportamos à história das práticas de leitura no contexto brasileiro, veremos que os nossos pesquisadores fizeram percursos semelhantes e com a mesma clareza das limitações apontadas pelo Chartier (2001). Portanto, vejamos os percursos percorridos por alguns estudiosos da história da leitura dentro do contexto brasileiro.

As práticas de leitura no contexto brasileiro

Refletirmos sobre a história das práticas de leitura no contexto brasileiro redundará em lançarmos nosso olhar, inicialmente, para o período colonial, para escolas jesuítas, cuja educação era voltada eminentemente para a formação de clérigos e leigos, pautada por um ensino com foco na língua latina e literatura clássica, destituído dos saberes da ciência, tidos como profanos pelos religiosos.

Era natural que assim fosse, tendo em vista que as escolas aqui fundadas não se destinavam a todos, ou seja, ao povo em geral, mas a uma elite. E a serviço da elite, impregna-se de características peculiares ao público para a qual se destinava. Para isso, segundo Alves (2005), os jesuítas dividiam o ensino-aprendizagem em dois momentos considerados significativos: o primeiro, que correspondia a *prelection*, que trazia como centro a figura e a ação do professor. Era entendido como uma explicação do que o aluno deveria estudar e esta explicação poderia ser precedida de uma recitação de cor de um texto latino em prosa ou em verso. Ainda de acordo com o referido autor, quase sempre, as atividades de ensino tinham como eixo norteador a leitura de um texto, que podia advir sobre uma carta, um documento, um trecho de uma obra clássica. Seguida à realização da leitura, poderia, concomitantemente, a realização do resumo dos textos lidos e, na etapa seguinte, o professor dava continuidade com a leitura de um texto de sua particular elaboração. O segundo momento a destacar referia-se ao da *composição*, no qual um documento ou um texto extraído da literatura greco-romana servia como modelo que “deveria ser “contemplado”, “admirado” e “assimilado”, para possibilitar, na sequência, a sua “reprodução” por meio de uma composição pessoal (ALVES, 2005, p. 624).

Em face dessas considerações, acreditamos residirem aí os nossos registros iniciais no que tange às práticas de leitura. No entanto, salientamos aqui que restava à massa da população escolas do “ler e escrever”² que foram inicialmente destinadas às crianças indígenas (com o objetivo de, simultaneamente, influenciar os adultos) e, posteriormente, estendidas aos filhos dos colonos. No entanto, vamos assistir, no decorrer do tempo, um crescimento populacional e, conseqüentemente, a vinda da corte portuguesa para o Brasil, o que fez emergir a necessidade de se ampliar a oferta de escolarização, fazendo também vir à tona, até meados de século XIX, uma carência de material impresso e impressos de caráter pedagógico para atender a essa demanda. Nesse viés, Pfromm Neto *et al* (1974) chamam a atenção para o conjunto de textos didáticos que veio a ser publicado pela Livraria Francisco Alves já no final do século XIX: eram os *Livros de Leitura* de Felisberto Carvalho, cujos temas giravam em torno de várias áreas de conhecimento e contavam ainda com exercícios de elocução, de redação, de invenção, de recitação e os exercícios de ditado que versavam sobre a moral, civismo, honra familiar, respeito ao próximo e etc. Ao se referir às práticas de leitura, Batista e Galvão (2009b, p.100) ressaltam que

a finalidade principal da atividade de leitura em sala de aula seria uma adequada expressão oral do texto para a qual favoreciam uma apropriada compreensão do texto e uma correta apreensão do “sentimento” que o autor quis exprimir. Recomenda-se para isso, que a leitura

² Designação usada por Paiva (2003)

de cada lição ou texto se faça mediante etapas que envolvem a preparação do texto a ser lido; a leitura expressiva pelo professor; a “catequização” dos alunos pelo docente, de modo a fazê-los perceber ideias principais, relações entre elas, o gênero da composição e o “acento” que nela predomina; nova leitura expressiva pelo professor e, enfim a leitura oral pelos alunos.

As *seletas* e *antologias* também se destacaram como livros que tinham como objetivo servirem de apoio à leitura corrente, embora visassem igualmente o ensino votado para os conteúdos de ordem moral e de conhecimentos gerais, conforme Galvão (2009). Neste sentido, Galvão e Batista (1998, p.28-29) reiteram que “inicialmente, formar leitores parece ter significado não propriamente desenvolver as competências e usos da leitura, mas antes ensinar outras coisas *através*³ da leitura escolar. É o que sugere a análise dos livros destinados ao ensino da leitura mais utilizados no Brasil no século XIX e nas décadas iniciais do século XX”.

Levando em conta o que expusemos, cumpre-nos refletir, ainda que de modo breve, sobre o livro didático numa perspectiva mais atual, considerando sua relevância para o exercício das práticas de leitura.

Reflexões sobre livro didático

Comprendemos o livro didático assim como o define Batista (2009, p.41) : “aquele *livro* ou *impresso empregado* pela *escola*, para o desenvolvimento *de um processo de ensino ou de formação*⁴”, ideia para a qual também colabora Soares (1996, p.55) que, numa perspectiva sócio-histórica, enxerga-o “como um instrumento para assegurar a aquisição dos saberes escolares, isto é, daqueles saberes e competências julgados indispensáveis à inserção das novas gerações na sociedade, aqueles saberes que a ninguém é permitido ignorar”. E é nessa direção que ele tem galgado certo destaque nas políticas públicas, se levarmos em consideração a criação de programas governamentais responsáveis pela sua avaliação, compra e distribuição nas escolas públicas brasileiras: o Programa Nacional do Didático (doravante PNLD), que compreende os livros didáticos do Fundamental I e II, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), e o PNLD EJA, destinados Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esses programas têm estabelecido critérios básicos sobre os quais os LDs devem ser avaliados: os de natureza conceitual (os livros não podem induzir ao erro); os de ordem política (devem ser isentos de preconceito, discriminação, proselitismo político e religioso) e os de ordem metodológica.

³ Grifo dos autores

⁴ Grifos do autor

Sendo assim, no que se refere ao LDP, o PNLD estabeleceu perspectivas teóricas e metodológicas bastante definidas, e que se tornaram possíveis devido à movimentação no campo da reflexão sobre a concepção do que seja ensinar a língua materna (RANGEL, 2005), resultado da concepção de língua compreendida como discurso, interação⁵. Advém dessa concepção a ideia de que os mais diversos gêneros passem a ser tomados como objeto de ensino, fato endossado também pelos “**estudos críticos do letramento** e os **estudos sobre gênero do discurso**”⁶, nos anos 90, que enfocavam a relação entre os textos e seu funcionamento em práticas sociais situadas (BUNZEN, 2005, p.45)”.

Desse modo, essa concepção de língua corroborou para dar ênfase à utilização de textos como objeto de ensino, ideia também preconizada pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que se constitui como referência para a produção de livros didáticos e para a elaboração da Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos (segundo segmento), além de estar também presente no Guia do PNLD EJA. Diante disso, ao tomamos os LDP da Coleção *Viver, Aprender*, como objeto de estudo, lançamos o nosso olhar sobre a coletânea de textos nela presente, por entendermos que “a própria circunscrição e seleção dos textos feita por autores e editores já delimita um conjunto de possibilidades de leituras e de práticas de letramento possíveis e outro conjunto que não o é (ROJO, 2010, p.41)” e, desse modo, não deixa de estar aí subjacente um protocolo de leitura e também um leitor imaginário. Entendemos, assim como sinalizam os estudiosos da história da leitura (CHARTIER, 2001, DARNTON, 1990), que o retorno ao impresso, nesse caso os LDP, nos fornecerá elementos que nos permitam vislumbrar as práticas de leitura por eles propiciadas. Neste sentido, segue no tópico seguinte o procedimento metodológico adotado.

Metodologia

A breve reflexão aqui realizada em torno da história das práticas de leitura permitiu-nos perceber a importância do LD no exercício das práticas de leitura no contexto educacional brasileiro. Com base nisso, tomamos como objeto de estudo os LDP destinados da *Coleção Viver, Aprender*⁷, aprovada pelo PNLD EJA 2011, destinada ao segundo segmento de EJA. Sendo assim,

⁵ Remete-se aqui para a concepção de língua na perspectiva bakhtiniana, que a concebe como um fenômeno social de interação verbal realizada através da enunciação. e norteiam o seu ensino.

⁶ Grifos do autor

⁷ Vale salientar que A coleção *Viver, Aprender* é composta de 04 volumes. Cada volume corresponde a uma série dos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, o volume 01 refere-se ao 6º ano, volume 02, ao 7º ano, vol. 03, ao 8º ano e, por fim, o vol. 04, que se destina aos alunos do 9º ano. Ressalta-se também que cada volume compreende os seguintes componentes curriculares: **Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte e Literatura, Matemática;** Ciências humanas: **História e Geografia,** e **Ciências Naturais,** que correspondem às seis unidades que compõem cada um desses volumes.

adotamos o procedimento de análise voltado tanto para as abordagens de natureza qualitativa quanto quantitativa, por entendermos que entre elas “há oposição complementar que, quando trabalhada teórica e praticamente, produz riqueza de informações, aprofundamento e mais fidedignidade interpretativa (MINAYO, 2009, p.22)”.

Diante disso, quando nos reportamos para a análise dos LDP, fizemos um levantamento de todos dos textos e das esferas de circulação/produção⁸ neles presente, independente de terem sido objeto sobre os quais incidiam ou não atividades de leitura/compreensão textual. Em seguida, realizamos esse mesmo procedimento para os textos sobre os quais incidiam as atividades de leitura. Além disso, também realizamos entrevistas com os autores do LDP da referida coleção, com objetivo de conhecermos o que os havia motivado quanto à seleção de textos nela presentes. Acreditamos que adotarmos a entrevista como procedimento metodológico permite que tenhamos como matéria prima a fala de seus interlocutores (MINAYO, 2009). Assim sendo, realizamos entrevistas semiestruturadas, já que estas nos oferecem “a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada (MINAYO, 2009, p.64)”. Esse procedimento e mostrou-se pertinente, tendo em vista que os dados, que daí resultaram, se somaram àqueles esboçados no tocante à análise efetuada da coleção,

Resultados e Discussão

Ao nos debruçarmos sobre os LDP da coleção didática *Viver/Aprender*, detemos nossas análises no conjunto de textos que a compõe. Dessa forma, inicialmente, seguimos as seguintes etapas: a) Levantamento dos textos presentes na coleção, assim como de suas esferas de produção/circulação. Acreditamos que este levantamento nos faria observar quais os gêneros/textos e esferas de produção/circulação foram contemplados pela coleção didática (vale salientar que todos os textos que compõem a coleção serão levados em consideração, independente de serem objetos sobre os quais incidem as atividades de leitura/compreensão de texto ou não); b) Verificação dos textos sobre os quais incidem as atividades de leitura/compreensão do texto.

Coletânea de textos presentes nos LDP da Coleção Viver, Aprender

⁸ Aqui assumiremos a mesma perspectiva adotada por Rojo (2010) quanto à distribuição/classificação dos textos em conformidade com suas as esferas de circulação/produção. A autora em questão toma como base os estudos de Bakhtin (2003), para quem “as esferas podem estar mais ligadas à infraestrutura social, à ideologia do cotidiano, como as esferas cotidianas íntima, familiar, do trabalho – neste caso, povoadas sobretudo de gêneros primários –, ou à superestrutura social e às ideologias oficiais ou cristalizadas – caso em que farão circular textos em gêneros secundários –, como as esfera jornalística escolar, científica, artística, literária, publicitária, dentre outras (ROJO, 2010, p.442)”. Nesta perspectiva, então, Rojo nomeia três âmbitos de letramento: o das artes, os da divulgação científica, e da cidadania.

Na tabela que se segue, é possível visualizar a coletânea de textos que compreende a coleção em análise de acordo com a esfera de produção/circulação.

Tabela 01 - Esfera de produção/circulação dos textos presentes no LDP da coleção *Viver, Aprender*

Esferas de Produção/circulação	Nº total de textos	Textos correspondentes
Jornalística	21	Carta do leitor, reportagem, artigo de opinião, notícia, depoimento, horóscopo
Literária	32	Poema, crônica, conto, romance (fragmento ⁹), fábula (fragmento adaptado), narrativa de aventura (fragmento), resenha de livro.
Cotidiana	01	Carta pessoal
Artes Plásticas e Visuais	15	Foto, pintura, capas de revista, capa de livro.
Didática	153	Texto didático, indicação de sites, texto informativo, texto dissertativo, texto argumentativo
Publicitária	01	Anúncio
Entretenimento	04	Indicação de Leitura, vídeos, música
Divulgação científica	56	Biografia, infográfico, mapa, verbete, texto científico, glossário, texto filosófico.
Total de textos	283	

Fonte: Sulanita Santos, 2014

Como podemos observar, de um total de 283 textos, distribuídos ao longo da coleção, o quantitativo de textos *didáticos* se destaca¹⁰ em detrimento da presença dos textos de outras esferas de circulação/produção. Seguem-se a esses textos, a ênfase para aqueles relacionados aos de divulgação científica, seguido pelos de cunho literário e jornalístico. Considerando a distribuição dos textos, em que é visível o predomínio de textos didáticos, ao nos voltamos para os assuntos sobre os quais estes textos versavam, foi possível caracterizá-los da seguinte forma: a) aqueles voltados para a explicitação de determinados conteúdos de ordem gramatical; b) aqueles que contextualizam e/ou dão orientação das atividades a serem realizadas em qualquer que sejam os eixos da língua: leitura, oralidade, escrita, gramática ou produção textual; e c) os que explicitam e/ou analisam um dos textos inseridos em uma das unidades do livro e que sobre eles incidem as atividades de leitura/compreensão do texto.

Diante disso, indagamos os autores sobre essa presença marcante de textos didáticos, bem como a configuração que eles exibem. Nesta perspectiva, ficou evidente em suas falas: a

⁹ Reiteramos o fato de que estamos obedecendo aos créditos colocados pelos autores, em que é consta a referência a esses textos informando que estes são fragmentos.

¹⁰ Estamos considerando texto didático como sendo “aquele que explicitamente visa a instruir, que tem a finalidade pedagógica, que está relacionado ao ensino das ciências, das artes, das técnicas, etc. (PLATÃO, SAVIOLI, 1991, p. 406-407).” E ainda “aquele que é encomendado ou produzido pela autoria didática, quando da elaboração do livro, tendo sido produzido para um objetivo exclusivamente didático (TABOSA, 2013, p.200)”.

necessidade de ensinar o aluno a ler; a possibilidade de que os textos didáticos pudessem servir de referência sobre o modo como os textos literários podiam ser lidos; a experiência na docência com público de EJA, em que esses textos eram trabalhados, fez com eles percebessem, por parte dos alunos o desejo de “ler” de forma similar à leitura por eles efetuada e que estes textos podiam servir para subsidiar também o professor no que tange ao ensino da leitura.

Em face aos resultados apresentados, procedemos com o levantamento dos textos sobre os quais incidiam as atividades de leitura e compreensão textual e ouvimos também os autores a esse respeito. O resultado será apresentado no tópico seguinte

A coletânea de textos sobre os quais incidem as atividades de leitura/compreensão textual

De acordo com que podemos observar nos dados presentes na tabela 02, do total de textos presentes na coleção (283), revelados na tabela 01, apenas sobre 50 destes incidem as atividades de leitura/compreensão textual.

Tabela 02 – Esferas de produção/circulação de textos sobre os quais incidem as atividades de leitura/compreensão textual

Esferas de Produção/circulação	Nº total de textos	Gêneros correspondentes
Jornalística	14	Cartas do leitor, reportagem, artigo de opinião, notícia, depoimento.
Literária	22	Poemas, romance, narrativa de aventura, conto, crônica.
Cotidiana	01	Carta pessoal
Artes Plásticas e Visuais	04	Pintura
Didática	04	Texto informativo, texto dissertativo
Publicitária	—	—
Entretenimento	—	—
Divulgação científica	05	Texto filosófico, textos científicos, científicos, mapa.
Total de textos na coleção	50	

Fonte: Sulanita Santos, 2014

Os dados presentes nesta tabela também nos permitem perceber que os textos de cunho literário se sobressaem em relação aos demais, o que parece revelar a preferência e a importância dada pelos autores da coleção a esses textos. Assim sendo, de um total de 50 textos destinados às atividades de leitura, 22 pertencem à esfera literária. Desse modo, compreendemos ser evidente a opção por privilegiar o trabalho com os textos literários em detrimento de textos de outras esferas no trato com o eixo de leitura/compreensão textual. Acreditamos que essa ênfase dada ao texto literário como objeto para o ensino da leitura contribuiu para que outros gêneros fossem relegados, a exemplo dos textos da esfera digital, entre outros. Neste sentido, isto fez com que nos

reportássemos para o ensino da leitura nos primórdios de sua escolarização, na qual os clássicos eram tomados como modelos para o exercício das práticas de leitura. E, assim sendo, é pertinente destacar que ao dá ênfase a certa esfera de produção/circulação de determinados textos, isso nos revela um protocolo de leitura, em que se pode visualizar, de certo modo, a preferência pela realização de certas leituras e não de outras (ROJO, 2010).

Ainda retomando aos dados no que diz respeito o quantitativo de textos disseminados ao longo da coleção para um trabalho com o eixo da leitura/compreensão textual, consideramos ser este incipiente, considerando que são apenas cinquenta textos a serem utilizados num período de 02 anos do Ensino Fundamental da EJA.

Frente a esse resultado, também procuramos ouvir os autores no tocante às observações aqui expostas. Sendo assim, com base no depoimento dos autores, foi possível perceber que, quanto à ênfase dada aos textos literários sobre os quais residia a maior parte das atividades de leitura/compreensão textual, percebemos por parte deles: uma preocupação em oferecer textos com os quais os alunos não costumavam lidar no cotidiano; a influência da coleção escrita anteriormente para esse segmento de ensino, embora tenha sido produzida por outros autores; a experiência na docência com o público de EJA, em que textos dessa esfera eram comumente trabalhados; a experiência com livro didático que, de certa forma contemplam esses textos; a questão dos direitos autorais dificulta a inclusão de determinados textos. E quanto à quantidade de textos propostos para atividades de leitura/compreensão textual, foi destacado pelos autores o fato de precisarem lidar com o limite de páginas proposto para o componente curricular de Língua Portuguesa, embora os autores tenham se sentido livres quanto à configuração do livro, no que diz respeito às seções que compunham cada unidade.

Conclusão

Considerando o papel desempenhado pelo LD na história das práticas de leitura, ao analisarmos os LDP da Coleção *Viver, Aprender*, foi possível perceber que, embora compreendesse uma quantidade significativa de textos de variados gêneros e esferas de produção/circulação, era sobre os textos literários e didáticos que se sobressaíam em termos quantitativos. E era sobre os textos literários que incidiam a maior parte das atividades de leitura/compreensão textual. Sendo assim, entendemos estar aí subjacente a ideia de um leitor desejado (CHARTIER, 2001) e um *modelo de leitura*, que nos fazem remeter à história das práticas de leitura, aos primeiros livros de leitura e o início de sua escolarização, em que os textos literários eram tomados como modelos,

modelos de leitura, em função também da formação de um determinado leitor que se desejava. É nessa perspectiva que compreendemos a proliferação de textos didáticos presentes na coleção, trazendo, igualmente subjacente, a ideia de que, para a apropriação/inserção dos alunos nas práticas de leitura desses textos, era preciso muni-los teoricamente. Neste sentido, acreditamos que, reside aí, de certo modo, também um protocolo de leitura, um *modo de ler* que, por sua vez também nos remete aos primórdios da escolarização da leitura.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Carolina Amaral de *et al.* *Contextos de vida e trabalho*: Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. 263p. (Coleção Viver, Aprender, v.1).
- AGUIAR, Carolina Amaral de *et al.* *Por uma vida melhor*: Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. 288p. (Coleção Viver, Aprender, v.2).
- AGUIAR, Carolina Amaral de *et al.* *Mundo em construção*: Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. 312p. (Coleção Viver, Aprender, v.3).
- AGUIAR, Carolina Amaral de *et al.* *Identidades: Educação de Jovens e Adultos*: segundo segmento do ensino fundamental. São Paulo: Global: Ação Educativa, 2009. 279p. (Coleção Viver, Aprender, v.4).
- ALVES, Luiz Gilberto. Origens da Escola Moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, n.91, vol.26, pp.617-635, Maio/Ago.2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BATISTA, Augusto Gomes; ROJO, Roxane; ZÚÑIGA, Nora Cabrera. Produzindo livros didáticos em tempo de mudança (1999-2002). In: VAL, Maria Graça Costa; MARCUSCHI, Beth. (orgs) *Livros didáticos de Língua Portuguesa: Letramento e Cidadania*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE 2005,
- BATISTA, Antônio Gomes. O conceito de “livros didáticos”. In: *Livros escolares de leitura no Brasil*. BATISTA, Antônio Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BUNZEN JÚNIOR, Clecio dos Santos. *Livro didático de língua portuguesa: um gênero do discurso*. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: São Paulo, 2005.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger.(org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francis o Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1991.

- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Gomes; A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 24, nov./dez de 1998. Dimensão.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O livro escolar de leitura na escola imperial pernambucana: tipos, gêneros e autores. In: *Livros escolares de leitura no Brasil*. BATISTA, Antônio Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. O livro escolar de leitura na escola imperial pernambucana: tipos, gêneros e autores. In: *Livros escolares de leitura no Brasil*. BATISTA, Antônio Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009a.
- GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antônio Gomes. Livros de leitura: uma morfologia. In: *Livros escolares de leitura no Brasil*. BATISTA, Antônio Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009b.
- LAJOLO, Marisa. Projeto Memória de Leitura: pressupostos e itinerários. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História, História da Leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.), 28ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.9-29.
- PAIVA, Vanilda Pereira. *História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.
- PFROMM NETO, Samuel *et al.* *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor, Instituto Nacional do Livro (INL), 1974.
- RANGEL, Egon. Livro didático de Língua Portuguesa: o retorno recalçado. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de Português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- ROJO, Roxane. Letramentos escolares: coletâneas de textos nos livros didáticos de língua portuguesa. *Perspectiva*, Florianópolis, v.28.n.2, 433-465, jul./dez.2010. Disponível em <http://www.perspectiva.ufsc.br>
- SOARES, Madga. Um olhar sobre o livro didático. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte.v.2.n.12 nov/dez.1996.
- TABOSA, Mariana Queiroga. *Ideários de leitura e de leitor em livros didáticos de Português (1984-2007): escolhas textuais e valorações sociais*, 2013. (Tese) Doutorado. UFMG, Faculdade de Educação.